

PELO DIREITO AO APARECIMENTO: PERCURSOS E F(R)ESTAS DAS PARADAS LGBTI+ EM MACEIÓ-AL

Euclides Rocha Cavalcante Neto

Graduando no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, integrante do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), euclides.neto@fau.ufal.br;

Flavia de Sousa Araújo

Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, pesquisadora do Grupo Morfologia dos Espaços Públicos (MEP/FAU-UFAL), coordenadora do projeto de pesquisa “Maceió pelas Minorias: representações não hegemônicas na capital alagoana do século XXI”, flavia.araujo@fau.ufal.br.

Resumo

Em 2019, Alagoas foi considerado, proporcionalmente, o segundo estado nordestino com mais mortes de pessoas da população LGBTI+, segundo dados do Grupo Gay da Bahia. Diante desse grave cenário, este trabalho busca compreender os impactos socioespaciais, as conquistas e os conflitos relacionados às Paradas LGBTI+ na capital Maceió deste novo milênio. Ao longo de duas décadas, esta manifestação social ocupa os espaços públicos conectando o protesto à celebração da diversidade, sem desconsiderar a reivindicação explícita de seus propósitos políticos em torno do direito de aparecer e existir. Estudos sobre (micro)territorialidade, espaço político e social, etnografia urbana, além de aspectos ligados à representatividade e cidadania ancoram o referencial teórico deste trabalho. A investigação de dados primários e contato com interlocutores que vivenciaram as Paradas, seja na organização ou participação, também foram metodologias utilizadas. Como resultado, observou-se que, em sua trajetória espaço-temporal, as Paradas

produziram f(r)estas com impacto na ruptura da condição marginal desses corpos dissidentes - mesmo que na efemeridade do evento. Em contraponto às práticas heteronormativas de uma sociedade conservadora, reflete-se sobre as adesões e reações ao movimento, em aliança com a ocupação dos espaços de poder da cidade e a relevância política e social das Paradas no contexto local.

Palavras-chave: Paradas LGBTI+, Visibilidade, Espaço público, Direitos humanos, Maceió-AL.

Introdução

Atualmente, o contexto da população LGBTI+ em Alagoas é marcado por uma triste realidade: segundo dados de Oliveira e Mott (2020), este é o quarto estado do Nordeste brasileiro com o maior número de mortes de pessoas LGBTI+, e se destaca em segundo lugar no ranking da região, quando se compara a proporção do número de mortes com a população total do estado. Tal cenário coloca em evidência o constante estado de medo das pessoas consideradas dissidentes ou desviantes da heteronormatividade, mecanismo neocolonial de controle e marcação dos corpos que rege as violências de Estado (BUTLER, 2016). São poucos os locais onde a comunidade LGBTI+ se sente segura e usufrui de uma plena cidadania. As opressões sofridas pelo público LGBTI+ se interseccionam, ou seja, estão diretamente relacionadas, às condições de gênero, raça e classe. E o espaço público é onde essas vivências diversificadas sofrem variados tipos de apagamento e violência.

A população LGBTI+ está sempre pautando suas lutas e reivindicando seu direito à cidade. Símbolo da festa e da resistência à heteronormatividade, as Paradas do Orgulho LGBTI+ ocorreram no país pela primeira vez em 1995, em Copacabana no Rio de Janeiro, no fim da 17ª Conferência Internacional da *International Lesbian and Gay Association* (ILGA), nomeada Marcha pela Cidadania de Gays, Lésbicas e Travestis (LACERDA, 2013). Apenas cinco anos depois desta primeira manifestação, a capital alagoana lançou sua Primeira Parada Gay¹ de Maceió e, desde então, durante duas décadas foram realizadas 17 edições deste evento em prol da diversidade sexual, onde se ocupou diferentes espaços da cidade e foram pautadas as principais reivindicações políticas do movimento.

Urge superar a prática recorrente do esquecimento das minorias e refletir acerca da emergência das Paradas LGBTI+, e sua relevância

1 A sigla utilizada para nomear a Parada foi e é objeto de discussão dentro dos movimentos homossexuais nacionais. As primeiras edições da Parada em cidades no Brasil, ainda na década de 1990 e início da década de 2000 [...] levaram o nome de Parada Gay. O nome mudou no decorrer das edições, em vários lugares, por reivindicação de sujeitos sociais que não se sentiam representados pela palavra gay, fortemente relacionada aos homossexuais masculinos” (LACERDA, 2013, p. 47).

política e social nos territórios de disputa e poder da cidade. Como a manifestação social das Paradas LGBTI+ de Maceió conectam o protesto à celebração da diversidade, reivindicando também, no espaço público, seus propósitos políticos em torno do direito a aparecer e existir? Para tentar responder tal questionamento, buscamos compreender os impactos socioespaciais, as conquistas e os conflitos oriundos das Paradas do Orgulho LGBTI+ realizadas em Maceió-AL desde os anos 2000, bem como seus tensionamentos com o Poder Público. Além disso, almejamos avaliar os impactos socioespaciais, as conquistas e os conflitos resultantes desta manifestação ao longo de duas décadas.

Metodologia

O procedimento metodológico partiu do levantamento LGBTI+ em Maceió, tendo como fonte primária matérias histórico das edições da Parada jornalísticas veiculadas na mídia digital, além de consulta à interlocutores - a partir de conversas informais - que vivenciaram e organizaram os eventos. Concomitantemente, foi produzida uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos que fundamentam esta pesquisa tais como: questões LGBTI+, heteronormatividade, (micro) territorialidade, espaço político e social e etnografia urbana. Por fim, foi elaborada uma cartografia das edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ na capital alagoana a fim de analisar os impactos socioespaciais, conquistas e conflitos que estas manifestações suscitaram ao longo de vinte anos.

A escolha metodológica voltada à consulta de fontes jornalísticas digitais se justifica pela existência do registro das edições das Paradas LGBTI+ em Maceió e pela impossibilidade de consultar acervos físicos em virtude da pandemia de Covid-19. Nesses levantamentos foi possível identificar elementos fundamentais a este trabalho, como: tema do evento, data e locais de concentração, além do trajeto e atividades de encerramento. As matérias de jornal também serviram como parâmetro para verificação do apoio dado (ou não) aos eventos ao longo dos anos pelos canais oficiais de comunicação, tanto da Prefeitura de Maceió como de outros meios de divulgação.

Recorremos à etnografia urbana para auxiliar na compreensão do fenômeno urbano, pois compreendemos que esta é uma ferramenta metodológica potente para a “pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas”

(MAGNANI, 2002). De forma semelhante, também recorreremos à cartografia urbana enquanto recurso metodológico, pois se apresenta como um “mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos” (ibidem), permitindo assim a espacialização dos fenômenos observados.

Referencial teórico

As desigualdades socioeconômicas e espaciais, agravadas pela iniquidade no acesso à: direitos fundamentais de cidadania, políticas públicas, infraestrutura e serviços urbanos, fragmentam o território da cidade, gerando núcleos e guetos que segregam a ocupação dos espaços urbanos e condicionam a marginalidade, ou seja, para uma porção significativa de pessoas cidadãs, é negado o direito à cidade. Para pensar as relações urbanas é preciso salientar que “[...] os indivíduos territorializam os espaços fragmentados da cidade, projetando ali suas ações, cujos códigos simbólicos pautam-se em relações estabelecidas durante os eventos” (MOREIRA, 2016, p. 16), como no caso das Paradas do Orgulho LGBT.

As relações estabelecidas durante o evento da Parada podem ser distinguidas em três momentos: concentração, percurso e dispersão. Neste aspecto, a transitoriedade das Paradas é passível de (re)arranjos marcada também pela efemeridade do evento no tempo. Camargos (2007, *apud* LACERDA, 2013) caracteriza as Paradas enquanto acontecimento memorizado e que o intervalo entre uma e outra geraria expectativas quanto à edição seguinte, logo iria contribuir para inserção do evento na memória social.

Entendendo que o território urbano é palco de disputas e conflitos, onde “nos espaços públicos a territorialização é dada, principalmente, por pessoas que estabelecem negociações sobre o que é o seu território e quais são os limites desse território” (RUIZ, 2002, p. 2). Essas negociações se estabelecem tanto entre as pessoas que vão para o evento com suas intenções políticas e/ou de entretenimento como também entre o Poder Público e a organização das Paradas do Orgulho LGBTI+.

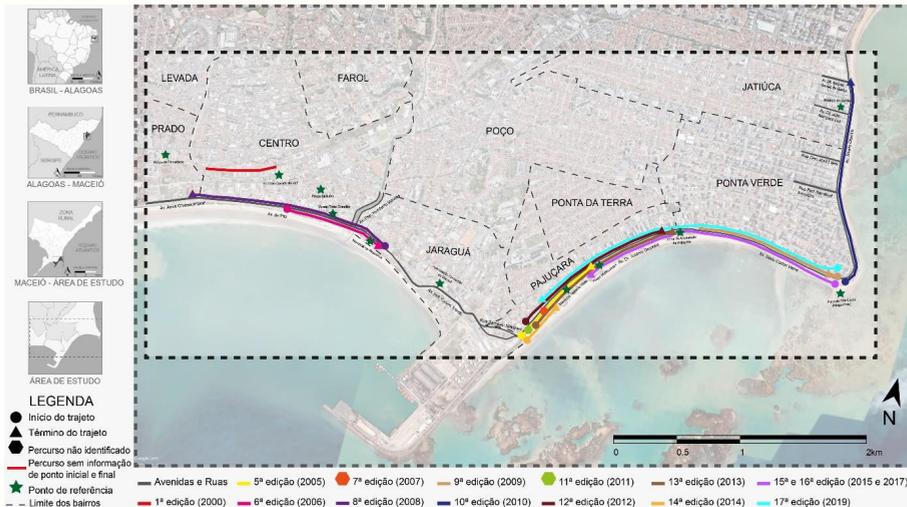
Sob as lentes das adesões e reações entre os diversos segmentos envolvidos, podemos afirmar que “estas produções, resultantes dos contatos, das práticas e das inter relações em cada rua, esquina, praça ou outros logradouros demarcam limites e formam territórios

específicos” (ROBAINA, 2011, p. 168). Essa especificidade do território se desfaz - momentaneamente no espaço-tempo do cotidiano da cidade - deslocando corpos em aliança, motivados “para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, [...] reivindicando reconhecimento e valorização, exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida” (BUTLER, 2018, p. 23).

Resultados e discussão

As microterritorialidades² remetem “às análises sobre o corpo, a memória, as identidades e o seu fim, os sentidos, a afetividade etc., todos objetos sujeitos a espacializações condicionantes do seu significado” (FORTUNA, 2012 *apud* MOREIRA, 2016). Para fins de análise desses eventos, recorreremos à etnografia urbana, ancorada nos preceitos da microterritorialidade, para a espacialização das edições realizadas entre 2000 e 2019 na capital alagoana, conforme ilustra a figura 1.

Figura 1 – Trajeto das edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ em Maceió-AL



Fonte: Adaptado pelo autor, do *Google Earth Pro*, 2021.

2 Consideramos a aplicação do termo a partir de sua etimologia geográfica, complementada por Heidrich (2013) que explica que microterritórios são formados a partir de relações sociais e de poder em um microacontecimento, é efêmero, transitório, representa movimento e fluidez, mas podem deixar marcas na paisagem.

O trajeto selecionado em cada edição das Paradas ratifica o que Magnani (2009, apud MAIA, 2012) define como “percursos determinados por regras de compatibilidades – que abrem o particularismo do pedaço à novas experiências, situadas fora das fronteiras daquele espaço conhecido, onde se está protegido por regras claras e inequívocas de pertencimento”. Tais deslocamentos ao longo dos anos provocaram rupturas na espacialidade e no cotidiano.

Tomando por base os percursos cartografados em Maceió, mostrado na figura 1, é possível identificar que a primeira edição da Parada Gay teve um de seus trajetos no Centro da cidade, local de concentração de comércio e serviços. Ao longo das edições seguintes, esse percurso foi se alternando em pontos da orla marítima, principal atrativo turístico da cidade. No entanto, sua predominância de realização se deu no trecho entre os bairros da Pajuçara e Ponta Verde, bairros que - junto com a Jatiúca - concentram os maiores índices de desenvolvimento humano do município (IDHM)³ e maior renda *per capita* do estado (IPEA, PNUD, FJP, 2014).

Esse deslocamento das Paradas do Centro para a orla marítima se deu em busca de maior visibilidade ao evento, segundo Nildo Correia, atual presidente do Grupo Gay de Alagoas (GGAL). Para as comissões organizadoras das Paradas LGBTI+, o fato da realização do evento ocorrer geograficamente no maior cartão postal da cidade, atrairia tanto o público como maior visibilidade para as pautas que a comunidade LGBTI+ maceioense reivindica há anos.

A seguir, trazemos o levantamento das edições das Paradas entre 2000-2020⁴, apresentado no quadro 1, com informações que subsidiaram a produção do mapa da figura 1. A partir de edições-chaves, destacadas no quadro, foi possível identificar as reverberações e rupturas provocadas pelo evento.

3 Índice usado como medida comparativa pelo PNUD/IPEA/FJP para classificar o grau de desenvolvimento humano, formulado em uma escala de 0 a 1 indica o nível de desenvolvimento de diversos setores da cidade, classificando-os enquanto Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH).

4 O hiato sem informações na tabela 1 entre os anos 2001 e 2004 ocorreu devido à falta de dados encontrados no levantamento realizado.

Quadro 1 – Registro das edições das Paradas do Orgulho LGBTI+ em Maceió-AL (2000-2020)

Edição e denominação do evento	Data	Tema do evento	Percurso (concentração - destino)	Estimativa de público presente
1ª Parada Gay de Maceió	2000	“Não à discriminação: Mais amor e mais tesão”	Rua Pedro Monteiro (Centro) – sem definição do destino	Sem informação
V Parada do Orgulho GLSBT de Maceió / 5ª Parada do Orgulho Gay	24/07/2005	“União civil entre homossexuais”	“Praia da Pajuçara” - Praça Multieventos	40 mil
6ª Parada da Diversidade Homossexual de Maceió	13/08/2006	Orgulho sim; preconceito não!	Praia da Avenida (em frente à empresa Tim) - Estacionamento do bairro do Jaraguá	40 à 60 mil
7ª Parada da Diversidade Sexual	07/10/2007	Homofobia é crime	Em frente ao Hotel Enseada - sem definição do destino	80 mil
8ª Parada do Orgulho GLBT	16/11/2008	Homofobia mata, ame e deixe viver	Estacionamento do Jaraguá - Associação dos Procuradores de Estado (Praia do Sobral)	mais de 80 mil
9ª Parada do Orgulho GLBT	11/10/2009	Cada um Sabe a Dor e a Delícia de Ser o Que É	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Praia de Sete Coqueiros (Pajuçara) - Alagoinhas	20 mil
10ª Parada do Orgulho GLBT de Maceió	30/05/2010	Contra o fundamentalismo, a favor da cidadania, vote contra homofobia	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Avenida Álvaro Otacílio (cruzamento com a Avenida Dr. Antonio Gomes de Barros (antiga Av. Amélia Rosa)	50 mil
11ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió	13/11/2011	Não matarás. Pelo fim da homofobia e pela paz	Antigo Clube CRB - Praia da Ponta Verde	200 mil
12ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió	23/09/2012	Todo mundo é igual, todo mundo é diferente, todo mundo é gente	Antigo Clube CRB - late Clube Pajuçara	5 mil

13ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió/AL	24/11/2013	TRANSforme o seu conceito. Gaylés-botransfobia, machismo e racismo É CRIME!	Antigo Clube CRB / Hotel Enseada - Hotel Sete Coqueiros	15 mil
14ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió	21/12/2014	Sem informação	Avenida Doutor Antônio Gouveia (próximo ao DNIT) - Rua Antônio Ferreira Rodrigues (próximo do Hotel Enseada)	Sem informação
15ª Parada do Orgulho LGBT da Capital Alagoana	20/12/2015	Mais Amor!	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Praça Multieventos	80 mil
cancelada*	2016	cancelada	cancelada	cancelada
16ª Parada do Orgulho LGBTI de Maceió/AL	17/12/2017	Turismo LGBTI+ Pela Cidadania e Desenvolvimento Econômico de Alagoas	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Praça Multieventos	70 mil
cancelada**	2018	cancelada	cancelada	cancelada
17ª Parada do Orgulho LGBTI+ de Maceió	08/12/2019	Se resistimos até aqui, agora vamos até o fim!	Alagoas late Clube (Alagoinhas) - Em frente ao Restaurante Dragão	50 mil
cancelada***	2020	cancelada	cancelada	cancelada

Legenda: * Cancelada por falta de apoio da Prefeitura e Governo | ** Cancelada por determinação do Ministério Público de Alagoas | *** Cancelada devido à pandemia de Covid-19.

Fonte: CAVALCANTE-NETO, E. R. (2021).

Para corroborar com Silva (2012, p. 120) à respeito do mito da festa *despolitizada*, é possível perceber através dos temas das edições que a relação política e social do movimento estava imbricada à f(r) esta⁵, causando uma ruptura no tecido urbano através da passagem de corpos em aliança à causa da diversidade e cidadania.

5 Silva (2006, p. 286, apud Lacerda, 2013, p. 111) repercute a noção de que “as Paradas representam f(r)estas no controle social exercido pelos dominantes tanto do espaço público quanto privado”.

No cenário alagoano⁶, em 2008 a edição esteve vinculada à implementação do Projeto de Lei Complementar (PLC) 122/2006 que tratava da “lei anti-homofobia”. Já em 2009 a Parada foi a primeira do Brasil a oferecer teste rápido de HIV durante o evento. Em 2013⁷, a 13ª Parada do Orgulho LGBT de Maceió/AL foi realizada em paralelo ao evento o 1º Festival Estadual de Cultura LGBT, com atrações de música, dança, teatro, recital de poesia, shows de drag queens, transformistas, entre outras manifestações culturais.

A partir de 2015, por meio de reportagens acerca do evento, é possível perceber uma maior participação de entidades públicas como a Prefeitura e Governo do Estado no apoio ao evento, bem como figuras políticas e de secretarias voltadas à promoção de saúde e direitos humanos do município e estado. Neste mesmo ano foi realizado o 15º Ciclo de Ativismo LGBT de Maceió⁸, com a realização de diversas atividades, entre elas: I Casamento Coletivo LGBT do Estado de Alagoas⁹; 2º Festival de Arte e Cultura LGBT de Maceió e a 15ª Parada do Orgulho LGBT da Capital Alagoana.

No ano seguinte, por falta de apoio das entidades públicas e privadas, não houve edição da Parada, sendo esta realizada em 2017 com atividades dentro do 16º Ciclo de Ativismo LGBT de Maceió. Foi o primeiro ano, constatado pela investigação, em que não foi realizado o evento em virtude da falta de apoio por parte da Prefeitura e do Governo do Estado. Vale lembrar que em 2016 houve o golpe de estado contra a então presidenta Dilma Rousseff, e naquele momento houve uma crescente onda de conservadorismo que assola o país até os dias de hoje (JINKINGS et al, 2016). O tema da edição de 2017 fazia

6 As informações aqui trazidas do contexto local foram resultados de reportagens diversas, que foram coletadas em veículos de comunicação digital, em vídeos disponibilizados *online* e através de conversas com interlocutores da organização do evento.

7 No site oficial da Prefeitura de Maceió, é o primeiro ano que aparece uma menção à qualquer Parada LGBTI+, não sendo possível visualizar a matéria correspondente. E nos anos seguintes não foi possível identificar matérias ou publicações a respeito.

8 O Ciclo de Ativismo LGBT de Maceió refere-se à atividades de formação, conscientização, celebração e reivindicação de pautas relacionadas à comunidade LGBTI+, com duração de dias variados entre as edições culminando na realização da Parada LGBTI+ do ano. Por falta de informação, não foi possível fazer um levantamento dos outros Ciclos realizados.

9 Ocorrendo dois anos depois do Supremo Tribunal Federal reconhecer a união estável entre pessoas do mesmo sexo.

parte de uma proposta de campanha voltada ao turismo LGBTI+ - um dos principais motores da economia - como uma nova ferramenta de combate à LGBTfobia, já que a Parada do Orgulho LGBTI+ se tornou o segundo maior evento de massa do estado. Por fim, a última edição da Parada do Orgulho LGBTI+, realizada em 2019, contou com 15 dias de atividades, entre elas a 17ª edição do Orgulho LGBTI+ de Maceió e uma Mostra de Arte e Cultura, com atividades de formação, capacitação e um resgate histórico de militantes alagoanos que fizeram parte da história do movimento no Estado.

Considerações finais

As Paradas do Orgulho LGBT em Maceió, assim como no restante do país, podem ser entendidas como ações coletivas de extrema importância para a construção de políticas públicas realmente inclusivas e igualitárias. Portanto, é importante entendê-las como memória e consciência política que potencializam a ação política de sujeitos na reivindicação pelo direito cidade (SILVA, 2012). Apesar do contexto político apresentar crescentes sinais de conservadorismo, o movimento LGBTI+ no âmbito alagoano têm sido cada vez mais atuante e fortalecido junto com outros segmentos e movimentos sociais. O movimento informa, reivindica e protesta contra os diversos tipos de violência que sofrem, provocando tensões e reações frente ao Poder Público, no intuito de “formular, implementar e avaliar políticas públicas de inclusão social voltadas a grupos minoritários” (ibidem, p. 113).

Sabendo da particularidade de cada edição, diante de suas lógicas de organização e processos de negociação entre os distintos agentes da sociedade e Estado, destaca-se os impactos das Paradas LGBTI+ nas dinâmicas urbanas. Mesmo na efemeridade do evento, há a produção de f(r)estas - rupturas contra hegemônicas e criações de caminhos outros - que reverberam e fortalecem relações que nem sempre se fazem visíveis na vida cotidiana, pois são relações de pessoas obliteradas pela hegemonia neocolonial cisheteronormativa. A ocupação da orla marítima maceioense para a realização de um evento que visibiliza a diversidade e pluralidade de corpos e formas de amar é um passo importante para marcar a luta em prol de uma cidadania plena. As Paradas do Orgulho LGBTI+ de Maceió têm se mostrado como ferramenta de visibilização das agendas do movimento, tensionando e

produzindo (re)configurações para a participação na luta política, bem como marcando o evento enquanto ato de construção de uma identidade e memória.

O presente trabalho não objetivou trazer à tona todos os aspectos e subjetividades das Paradas em Maceió, mas sim possibilitar um espaço de superação do esquecimento, a partir da coleta de fragmentos discursivos, memórias e percepção de apropriações dos espaços urbanos, na contínua ruptura com o modelo de cidade cisheteronormativa neocolonial.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer o atual presidente do Grupo Gay de Alagoas, Nildo Correia, pelo acervo digital registrado e demais informações gentilmente cedidas por ele. Ao grupo de pesquisa Morfologia dos Espaços Públicos (MEP-FAU/UFAL) pelas pesquisas desenvolvidas. E por fim à Celso Rodrigues de Lira, meu amor, que tanto me apoia e está sempre comigo.

Referências

BUTLER, Judith. **El género en disputa**: el feminismo y la subversión de la identidad. Paidós. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2016

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DELGADO RUIZ, M. Etnografía del espacio público. **Revista Experimental de Antropología**, nº2, Universidad de Jaen, 2002. Disponível em <https://bityli.com/VJFGW>. Acesso em: 03 ago. 2020.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e Cultura: argumento para uma produção de sentido. In: _____; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de Ler**: geografia e cultura. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS, PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br>. Acesso em: 03 ago. 2020.

JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim, CLETO, Murilo (org). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACERDA, Thiago William Felicio. **A Parada LGBT e os espaços públicos**: a afirmação da diversidade sexual em Campinas / Thiago William Felicio Lacerda - Campinas: PUC-Campinas, 2013. 153p.

MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 49, jun. 2002.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Festividade e territorialidades na parada LGBT goianiense. **Terra Plural**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 273-288, 31 ago. 2012. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Disponível em: <https://bityli.com/rQPEs>. Acesso em: 03 ago. 2020.

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues. **Do movimento social à festa**: as microterritorialidades festivas e efêmeras da parada lgbt de goiânia. 2016. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6290>. Acesso em: 06 dez. 2020.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2020. 173 p. Disponível em: <https://bityli.com/zvQfw>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **A invisibilidade como estratégia espacial das populações de rua na cidade do Rio de Janeiro**. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 1, N.2, p. 167-176, 2011.

SILVA, Alessandro Soares da. Memória, Consciência e Políticas Públicas: as paradas do orgulho lgbt e a construção de políticas públicas inclusivas. **Revista Electrónica de Psicología Política**, San Luis, v.27, n.9, p. 111-142, mar.2012. Quadrimestral. Disponível em: <https://bitly.com/jcTnf>. Acesso em: 03 ago. 2020.